

A entrevista desta semana

José de Almada Negreiros fala- nos das suas ideias e das suas intenções

Quando estendi a mão ao José de Almada Negreiros, uma noite destas, no *Tavares*, levava já na boca, precipitadamente, o pedido de uma entrevista.

Vieram os cafés do estilo. Preparámos o nosso plano, e ficámos face a face com um dos mais fulgurantes espíritos da Geração Moça, em quem o público se habituou a ver apenas o *blagueur*, cego para a sua profunda intuição do Universo, desconhecendo por completo a riqueza abundante da sua Arte.

Ficámos nós, então, frente a frente, em silencio, — um a procurar inquirir, outro a procurar responder...

Os seus olhos rasgados e longos embebiavam-me de expectativa.

E a entrevista nasceu...

—Sei que V., Almada, é um homem sempre cheio de projectos... Deve tê-los neste momento, e fartos, hein?!

A pergunta saiu banal, como se estivessemos em presença dum académico.

Esperámos uma *boutade*... Mas não! Almada Negreiros respondia serenamente:

—Não tenho projectos nem programas de nenhuma especie. Apenas estou recordando o que já aconteceu na minha vida até hoje e encontrei-lhe uma direcção que vou recapitular talvez em conferencias com o título de *A Revolução Individual*. Uma destas confe-

rencias, aliás, já foi lida publicamente. Lembra-se?
A Invenção do Dia Claro.

—Mas afinal que pretende V. com essa série de conferencias?

Nitidamente, o Artista expoz-me o seu pensamento:

—Explicar o sentido essencial da evolução da humanidade. Numa palavra: mostrar que a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e que o Homem e só ele, em sociedade ou individualmente, é fim.

A orquestra tocava um *foxtrot* ruidoso. Para além do biombo, era toda uma sinfonia de restaurante, —copos que tiniam, gargalhadas irreverentes, um sussurro de vozes que se comunicam baixo...

Tornei a alinhar, intimamente, as minhas ideias, enquanto sorvia um golo de café.

De chofre, perguntei:

—Qual é a sua situação actual dentro do mundo?

Diante desta interrogação capciosa, o seu fino espirito esgrimiou dextramente:

—Quero pertencer ao proprio mundo, ir alistar-me nas fileiras da humanidade *voluntariamente*, com o meu proprio corpo...

—Crê V. então na alma?...

—Creio tanto na alma como creio no corpo!

Sorri por distinguir claramente o perigoso campo de transcendencias que tinhamos alcançado.

—E na immortalidade da alma?

—Sim. Mas é necessario saber que a alma não pode nascer senão dentro de um corpo humano. Isto é, a immortalidade da alma depende directa e unicamente da materialidade do corpo.

«A alma não morre nunca, mas para ser imortal tem de ter nascido uma vez. Sabe? O corpo não pode viver sem alma, mas ha corpos aonde a alma parece morta; e vai ao depois esses corpos existem com a alma morta. Coitados! e sem saberem a maior parte das vezes que o Deus invizivel, o Deus de todos Nós, é o Unico que tem o segredo para ressuscitar almas!

Retrocedemos.

—Meu caro Almada: uma outra pergunta me interessa. Qual é a sua posição perante o Passado?

—O Passado não é senão o proprio exemplo do esforço individual. O Passado não tem outra pretensão a não ser a de trazer a iniciativa de emancipação ás mãos do proprio que a deseja.

Só emancipando-se o individuo poderá atender-se á humanidade, conjunto de individuos. Ora aqui está a intenção de *A Revolução Individual*.

Almada Negreiros exprime-se sobriamente, com segurança. A sua intelligencia lucida segue pelos meandros complicados das suas deducções, a pretender illuminá-las de simplicidade e de logica.

Então, como complemento, como exemplificação de tudo o que vinha de ouvir, escutei uma anedota:

—Um santo, ao morrer, apresentou-se immediatamente ás portas do céu, pedindo entrada a S. Pedro...

«S. Pedro negou-lha. E o santo, apontando para a terra, pediu-lhe que visse como ele tinha sido bom no mundo, — diante do seu cadaver desenrolava-se toda uma piedosa romaria em que o mundo inteiro mostrava venerar as suas virtudes.

S. Pedro respondeu:

—Não! As portas do Céu não se abrem a individuos, a isolados, ainda que sejam santos. As portas do Céu abrir-se-hão um dia de par-em-par mas para todos... quando a humanidade inteira, com todas as suas religiões, vier ombro a ombro até aqui e sem que tenha deixado nem um só esquecido e desprezado, lá em baixo, na terra!...

Passavam dois ingleses de face glaba, vermelhos, amplos, charutos na boca, como fachos...

Uma silhueta feminina... Um *groom* que atravessa a sala... E outra vez a entrevista se reanimou:

—Sabida a sua posição perante o Passado, não é menos interessante desenhá-la perante o Futuro..

—Meu amigo! O Passado está patologicamente realizado no nosso sangue actual.

«Os homens de ámanhã estarão colocados, logica e fatalmente, perante a humanidade, exactamente

como Nós, neste momento. Não é necessario folhear o Passado. Ele está voluntariamente em nós. A situação do Homem perante a Humanidade, será sempre o Passado quem a dirigirá—o Passado que é a determinante do Futuro.

Acendi um cigarro. Almada Negreiros continuava a expôr. A minha interrupção foi brusca:

—Afinal qual é o seu fim?

—Oíça! Na minha ante-emancipação, a maior, a unica grande falta que eu tenho sentido, sabe qual é? E' a falta de outros, de outros iguais a mim, de outros que venham comigo ou eu com eles... Compreende? Estou farto de semelhantes!

«E o caminho, entretanto, é unico para todos:

«A consciencia não é senão a atenção posta contemplativamente diante da inconsciencia...

«Tantas expressões, tantos realismos, tantas elevações, — Religião, Moral, Sciencia, Arté; porque não servir-se rapidamente de cada um destes processos de atenção para libertar o individuo?! E para que pretender libertar essas abstracções ilibertaveis, a Religião, a Moral, a Arte, a Sciencia?! Repito: a Religião, a Moral, a Sciencia e a Arte são meios e só o Homem é fim!

—Seria curiso saber-se como V. aplica a sua teoria ao nosso problema nacional...

—Defendendo a criação da linguagem que traduza para português legitimo todas as expressões universais...

A orquestra, que se calára por instantes, recommençou o ruido.

Debandava gente com ares de fartura e riqueza.

As nossas chavenas estavam vazias.

Não pude calar um comentario:

—V. agora está mais filósofo do que Artista, meu caro Almada...

—Não! Continuo a ser o mesmo, desde que nasci. Vou talvez, simplesmente, a dobrar a esquina da Filosofia...

«E só peço a Deus que me deixe viver tão arden-

temente todas as minhas idades como aquelas que eu já vivi até hoje!

E' assim que pensa José de Almada-Negreiros neste ano da Graça de 1923.

José Dias-Sancho

Exposições de Arte

A exposição de pintura Eduardo Vianna

As paredes soturnas do palácio das Belas Artes estão em festa. Delas pendem presentemente os quadros de Eduardo Viana, o melhor colorista português. Como devem sentir-se felizes essas paredes tristes que tanto crime têm consentido! Costume é dizer-se que o papel tudo consente, coitado. Mas aquelas paredes, mudas e resignadas, tocaram já o sublime da condescendencia. Com que infinita paciencia elas têm ostentado em seu seio acolhedor todas as joias falsas duma arte decadente!

Um dia, viram primeiro com espanto, depois com entusiasmo, que as ornamentavam com arte verdadeira, pura e sentida. Se pudessem falar, essas paredes silentes, dirião, como nós, de seu contentamento.

Agora podem os estetas, os que amam as fórmulas sempre mais puras duma arte moderna, ir afoitamente á rua Barata Salgueiro. Expõe lá Eduardo Viana, expõe agora um artista. Parece impossivel que numa casa feita para guardar preciosamente coisas de arte, só de longe em longe, por lá apareça um artista verdadeiro.

Eduardo Viana é um artista—na nossa humilde opinião e na opinião abalisadissima do sr. Matos Se-